

## **Escrevivência em pauta: Relato de experiência de uma aluna que estudou a temática afro-brasileira na escola**

### **writing on the agenda: Experience report of a student who studied Afro-Brazilian themes at school**

**Mayra Gonzaga dos Santos<sup>(1)</sup>**

<sup>(1)</sup>ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-4053-7916>; Universidade Estadual de Alagoas/Discente, BRAZIL, E-mail: mayragonzaga2017@gmail.com;

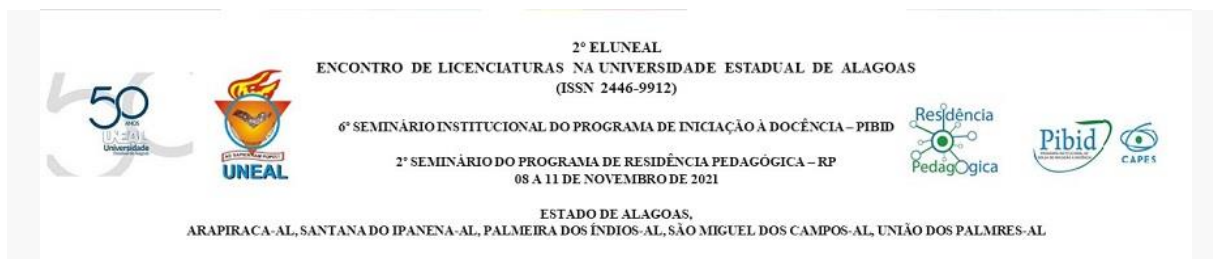
#### **Grupo de Trabalho: GT Intercultural Afro-Indígena**

**RESUMO:** A presente narrativa tem por objetivo salientar a importância da implementação da Lei 10.639/03 que disserta sobre a obrigatoriedade do estudo da história afro-brasileira nas escolas, e que posteriormente, ampliou-se com a Lei 11.645/08 que inclui no ensino fundamental e médio o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena na grade curricular. Assim, buscando entender as características que permeiam a população brasileira por intermédio dos grupos referidos, assim como, busca compreender a história da África e dos africanos e a luta dos povos negros e indígena no Brasil. Em relação aos povos originários a Lei busca divulgar a cultura indígena, investigando, resgatando as contribuições desses grupos no contexto nacional. Através de memórias e imagens será apresentado e discutido a relevância do ensino das temáticas, especificamente da afro-brasileira e como esse ensino pode ser capaz de formar cidadãos social e etnicamente comprometidos, conscientes da diversidade e identidade brasileira. Chamamos atenção para o fato de que este trabalho encontra-se em andamento e que este artigo faz parte da escrevivência da autora e que culminará em um Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lei 10.639/03, resistência, educação básica, memória, identidade.

**ABSTRACT:** This narrative aims to highlight the importance of implementing Law 10.639/03, which discusses the mandatory study of Afro-Brazilian history in schools, and which was later expanded with Law 11.645/08, which includes primary education and high school the teaching of Afro-Brazilian and Indigenous history and culture in the curriculum. Thus, seeking to understand the characteristics that permeate the Brazilian population through the aforementioned groups, as well as seeking to understand the history of Africa and Africans and the struggle of black and indigenous peoples in Brazil. In relation to native peoples, the Law seeks to disseminate indigenous culture, investigating and rescuing the contributions of these groups in the national context. Through memories and images will be presented and discussed the relevance of thematic teaching, specifically Afro-Brazilian and how this teaching can be able to form socially and ethnically committed citizens, aware of Brazilian diversity and identity. We draw attention to the fact that this work is in progress and that this article is part of the author's writing and that it will culminate in a Final Course Paper-TCC.

**KEYWORDS:** Law 10.639/03, resistance, basic education, memory, identity.



## INTRODUÇÃO

Estudar a temática afro-brasileira é algo me traz fascinação e boas memórias, não falando como uma branca que acha a temática bonita, e sim como uma pessoa capaz de sentir, viver e principalmente observar todos os acontecimentos ao meu redor, acho que foi daí que surgiu tanta admiração pela temática, apesar de como dizia meu avô: ser alva<sup>1</sup>, meus cabelos sempre foram bem encaracolados, como aludido “cabelo ruim, duro, pixaim, cabelo de palha de aço” (SEJUS, 2020, p. 17.), o que eu sempre achei é que eles são um traço que comprovam que como dito por Munanga apud Estudos Avançados, 2004. “Com os estudos da genética, por meio da biologia molecular, mostrando que muitos brasileiros aparentemente brancos trazem marcadores genéticos africanos, cada um pode se dizer um afrodescendente. Trata-se de uma decisão política” assim, entendo que em algum momento da “história” houve características negras transmitidas, a partir da miscigenação, que hoje constituem o ser Mayral

Oh! que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!  
(ABREU, Cassimiro, 1859)

Figura 01: Casa de farinha dos meus avós

<sup>1</sup> De acordo com o dicionário online de português ser alva significa ser de coloração branco, muito claro, límpido: cor alva.



2º ELUNEAL  
ENCONTRO DE LICENCIATURAS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS  
(ISSN 2446-9912)

6º SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID

2º SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA – RP  
08 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021



ESTADO DE ALAGOAS,  
ARAPIRACA-AL, SANTANA DO IPANEMA-AL, PALMEIRA DOS ÍndIOS-AL, SÃO MIGUEL DOS CAMPOS-AL, UNIÃO DOS PALMARES-AL



Fonte: Acervo da autora

Assim eram os domingos como dito por Cassimiro de Abreu fagueiros, na casa de meus avós, junto a meus primos brincávamos o dia inteiro, raspávamos mandioca, comíamos farinha quentinha e até arriscamos a pega goma escondido de vovô para fazermos bonecos de massa, domingos esses que os anos não trazem mais!

Desde pequena tinha o ar da curiosidade e amava palavras quanto maiores mais bonitas, era um desafio conseguir pronunciá-las, desafios sempre me provocaram, acho que essa paixão foi despertada por minha mãe que sempre foi meu maior exemplo de educação e resiliência, e a quem me ensinou a ler mesmo tendo naquele momento estudado somente até a 6ª série, que hoje corresponde ao 7º ano. Rememoro como nos dias presentes as noites que passávamos sentadas a mesa com o livro que jamais esquecerei pois mesmo em essência infantil contava a história do nascimento do menino Jesus, e foi por essa história que cheguei ao que se classifica alfabetizada, guardo-o com carinho apesar das marcas do tempo, sinto que ele é meu ponto de equilíbrio e fé.

Figura 02: Primeiro livro de minha leitura



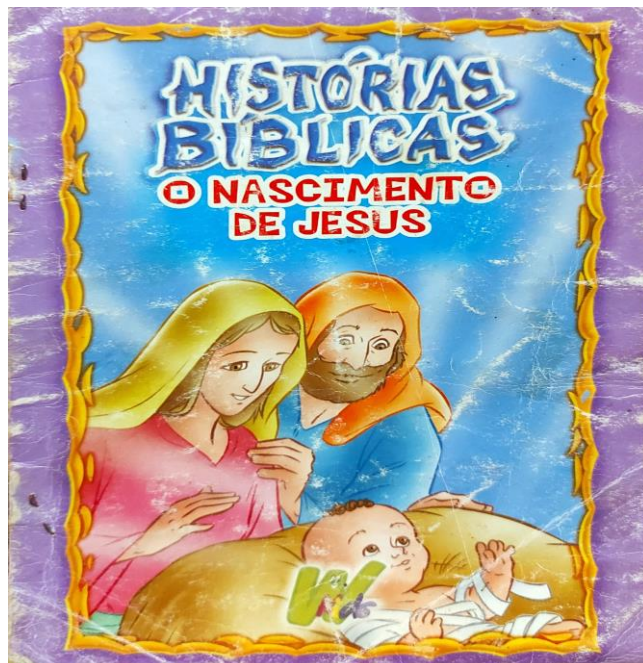
2º ELUNEAL  
ENCONTRO DE LICENCIATURAS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS  
(ISSN 2446-9912)

6º SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID

2º SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA – RP  
08 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021



ESTADO DE ALAGOAS,  
ARAPIRACA-AL, SANTANA DO IPANEMA-AL, PALMEIRA DOS INDIOS-AL, SÃO MIGUEL DOS CAMPOS-AL, UNIÃO DOS PALMARES-AL



Fonte: Acervo da autora

Esses livros me eram dados por minha tia Verônica, a quem carinhosamente chamo tia Vera! Meu exemplo de profissional quanto professora, e umas das pessoas que mais me incentivaram a estudar em aspectos sociais, culturais, emocionais e financeiros.

### Memórias de minha vida escolar

Assim, em 2008 lá estava eu no meu 1º ano escolar um mundo totalmente novo onde por vários momentos demonstrava uma certa dificuldade e toda semana tinha que fazer uma caligrafia, no 2º ano precisei ir para o reforço que tinha pertinho de casa, mais uma vez minha mãe é protagonista na história e mesmo sem muitos meios me oferecia educação. Resultado disso? Uma promoção em 2012, onde até junho estudei o 5º ano e de junho a dezembro fui direto para o 6º ano, após realizar uma avaliação que demonstravam capacidade para o ano letivo citado, dessa forma, concluo dois anos letivos em um, e mais uma vez me via em um ambiente novo ao qual mesmo muito jovem me trazia angústias e inseguranças, hoje com maior discernimento posso afirmar que durante o fundamental anos iniciais já havia tido o contato com a temática negra, não recordo especificamente o ano mas, lembro-me da

professora trazer um filme para assistirmos denominado “Kiriku e a feiticeira” filme de Michel Ocelot que em sua trama traz uma criança recém nascida que embarca em uma surpreendente aventura com seu tio ao descobrir que sua aldeia corria perigos, ameaçados pela terrível feiticeira, naquele momento era um filme em desenho o que atrai ainda mais as crianças, hoje consigo fazer uma alusão ao drama do filme e a atual realidade negra no filme uma criança recém nascida negra luta contra uma ameaça à seu povo, como hoje o negro segregado pela sociedade luta pela efetiva “liberdade” de seu povo, visto que socio-culturalmente o negro ainda não é livre e que a (re)existência vem de séculos atrás, como demonstrado pelo quilombo palmares, localizado na serra da barriga atualmente pertencente ao município de União dos Palmares onde também tive o privilégio de visitar durante o ensino fundamental em uma aula de campo, e como isso marcaria a vida de um estudante? Como explicitado desde pequena tinha uma curiosidade em conhecer e participar dos projetos, apresentações e de praticamente tudo que envolvia a escola desde desfiles cívicos até as gincanas de soletrando, onde por sinal era extremamente competitiva.

Figura 03: Minhas participações de projetos



Fonte: Acervo da autora

Durante meus dois últimos anos do fundamental lembro de ter tido realmente a consciência de todo o arcabouço que a temática trazia, apesar de estudar em uma escola que recebia alunos remanescentes de quilombos e mais de 60% dos alunos da escola serem descendentes de quilombolas até aquele momento para mim era algo totalmente desconhecido, como afirmo aqui ainda ser para alguns desses descendentes que não se reconhecem como quilombolas, que não reconhecem a sua própria história de luta, dor e sofrimento, como expressado por (RECK, 2013, p, 404.) “se faz necessário a consciência histórica do lugar dos sujeitos na enunciação dos discursos históricos” em questões que estão enraizadas na atual sociedade brasileira que se diz “não racista”. Nesse momento comecei a entender mesmo que ainda ingenuamente o que era o negro e sobre qual contexto ele estava inserido, a escolar Edgar Tenório de Lima, localizada no Distrito de Lagoa Grande, pertencente ao município de Taquarana começa a levar seus alunos para o Quilombo Poços do Lunga que já possui mais de 200 anos de resistência, ali começo desinteressadamente observar, apresentações de dança, música e religiosidades, me deslumbrava tantas cores, símbolos e objetos, assim, a escola começa a desenvolver um projeto denominado valores civilizatórios afro-brasileiro onde se realizavam apresentações sobre a temática afro-brasileira e eu queria estar em todas elas participei da confecção de mascaras africanas, danças, confecções de artesanatos etc...

Figura 04: exposição de abertura projeto afro-brasileiro valores civilizatórios



Fonte: Facebook Edgar Tenório

Figura 05: apresentação do grupo de dança Nega da Costa



Fonte: Facebook Edgar Tenório

Figura 06: painel culminância projeto afro brasileiro valores civilizatórios



Fonte: Facebook Edgar Tenório

Figura 07: Exposição de trabalhos e artesanatos feitos pelos alunos



Fonte: Facebook Edgar Tenório

Lembro com singelos sentimentos da camiseta que eu mesma confeccionei na disciplina de artes com a professora para participar do projeto, ela levava uma chapa de raio-x com o molde do desenho, e com pinceis e tinta íamos (re)contruindo, his(es)tórias, contadas, cantadas, passadas oralmente por nossos pais, avós e até mesmo bisavós que costumavam contar as chamadas his(es)tórias de Trancoso <sup>2</sup>

Figura 08: Blusa confeccionada por mim para o projeto

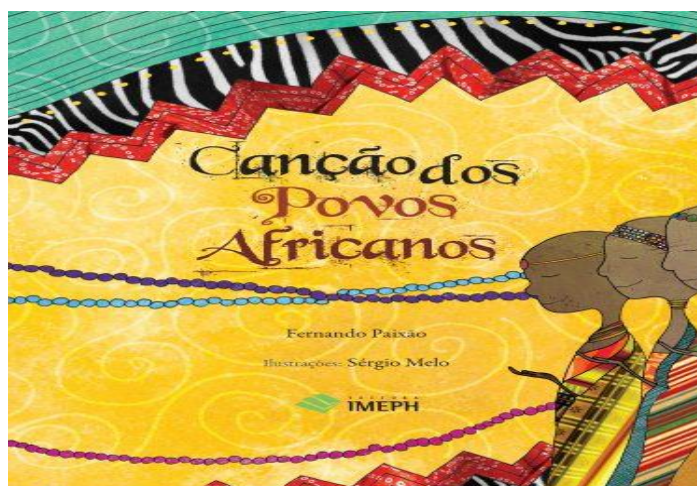
<sup>2</sup> “**História de Trancoso**” é um termo êmico utilizado em boa parte do Nordeste brasileiro para referir-se a contos da literatura oral, inclusos no que convencionou-se chamar de cultura popular.



Fonte: Acervo da autora, 2021

Entretanto o que mais me tocou foi a proposta de declamar um cordel que evidencia os modos de convivência em comunidades de origem africanas, que em singelas estrofes é capaz de demonstrar a força e grandeza desse povo.

Figura 09: poema que eu declamava todos os anos no projeto



Fonte: Google, 2021

Em 2016 iniciei meu primeiro ano no ensino médio na escola Estadual Santos Ferraz também localizada no município de Taquarana, e a qual também tive experiências

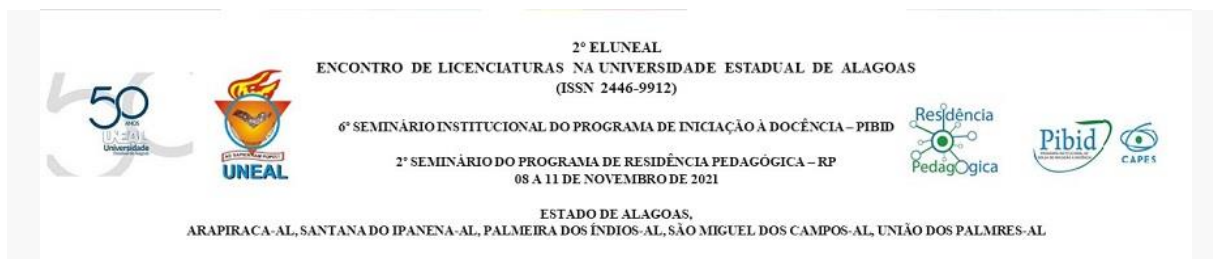
com a temática a escola possui um projeto denominado Nêga Vitú que tem por objetivo ressaltar a cultura afro-brasileira garantido a implementação da 10.639/03, e demonstrando a população taquaranense a importância de se ter conhecido sobre a temática visto que grande parte da população vem de remanescentes dos quilombos pertencentes ao município, que geograficamente é pequeno, mas culturalmente é gigante.

Figura 10: Panfleto da 5ª gere divulgando o projeto Nêga Vitú na Escola Santos Ferraz



Fonte: <http://www.educacao.al.gov.br/>

Durante o meu segundo ano, minha sala ficou responsável pela tarefa de confeccionar um altar da religião umbanda no pátio para apresentar, nesse momento pude ver a face cruel da sociedade que não aceita doutrinas a não ser aquelas que lhes convém nenhuma outra sala quis aquela tarefa pelo (pre)conceito sobre a religião, principalmente por ser uma religião de matriz africana apenas por pertencer em alguns aspectos a África e a todo seu contexto, jovens esses que se utilizaram do senso comum de dito “religião africana só faz macumba”, naquele contexto podemos aprender que a religião umbanda foi uma religião consubstanciada de características de matriz africana e cristã e por isso podemos ver nessa religião imagens representativas de santos presentes na igreja católica que fazem parte da umbanda só que como outras denominações. Como dito por Fanon, peles negras, mascaras brancas. Os jovens que não quiseram participar da construção da tarefa poderiam ser descendentes de negros, ou será que seus avós eram descendentes de quilombolas em um município que possui 7 comunidades quilombolas, o não se reconhece negro indica que algo



ainda está errado que a luta ainda não acabou e ainda está longe de findasse, e nosso grito de guerra será: enquanto houver força e vida vamos lutar!

## CONCLUSÃO

Assim termino o ensino médio em 2018 e entro na universidade estadual de alagoas e agora meu propósito é dar voz aos que foram silenciados, trazer vida aos que não tem esperança e acima de tudo garantir que na educação exista e resista o ensino de grupos que são minorias, os quais acabam silenciados por uma sociedade que se diz não racista por ter políticas públicas em sua constituição que garantem que o preconceito foi extinto, mas que todos os dias nega sua verdadeira fundação que veio do negro e do índio e que utilizou-se até mesmo da miscigenação como estratégia para embranquecer sua sociedade, como dito por (MUNANGA, 2004, p.11 apud NEVES e SILVA 2019, p.7.) quando ele afirma que o mito do sincretismo cultural ou de uma cultura mestiça tenha, conceituada nacional tenha atrasado debates nacionais sobre a implementação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro.

## REFERÊNCIAS

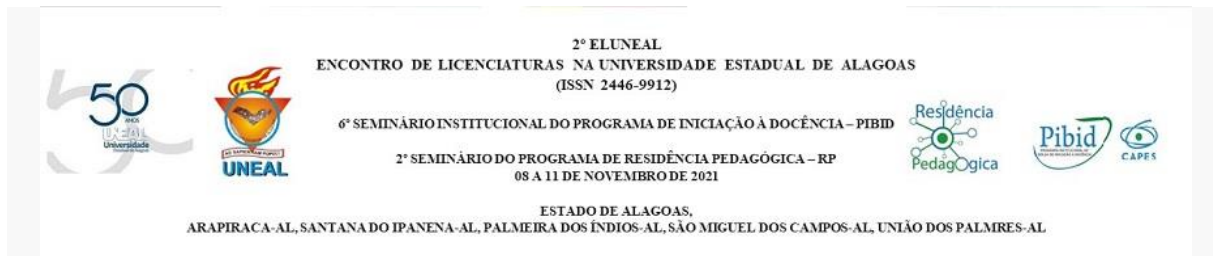
ABREU, Cassimiro José Marques de, **as primaveras**, Lisboa, 1857, p.14.

ESTUDOS AVANÇADOS, **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**, 2004, p. 51. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>>. acesso em 09 de outubro de 2021.

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas**, Salvador, EDUFBA, 2008.

NEVES, João Paulo Santos., SILVA, Maria Aparecida Monteiro da, **O mito da democracia racial: contexto histórico brasileiro e a construção do racismo no Brasil**, revista educar mais, vol. 3, nº 2, 2019, p. 7. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.158-166.1467>>.

RECK, Daffine Natalina, **Breve história da África e dos africanos e o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas: da historiografia africana à aplicação da Lei 10.639/ 03.**, Revista Latino-Americana de História, Vol. 2, nº. 6, 2013 – Edição Especial, p. 403-421.



SEJUS, **O racismo sutil por trás das palavras**, Brasília, 2020, p. 17.